

### 3

## Articulação entre teoria lingüística e psicolingüística no estudo do processamento da concordância

O programa de pesquisa gerativista em sua mais recente etapa – o Programa Minimalista – assume uma perspectiva galileana no estudo da linguagem. Partindo da concepção de que a natureza é perfeita e simples, Chomsky propõe como seu projeto de investigação determinar se o próprio objeto da Lingüística, a linguagem humana, apresenta uma arquitetura perfeita. Segundo Negrão (2004), a adoção dessa perspectiva instaura uma nova ótica nos estudos da sintaxe, que está associada à compreensão do que se entende pelo adjetivo “perfeito”. Como observa a autora, “perfeito” é um adjetivo relacional, que exige a explicitação de seu termo de comparação. No Programa Minimalista, entende-se por arquitetura perfeita aquela capaz de prover as informações necessárias para os demais componentes da mente humana, externos à faculdade da linguagem. Reproduz-se a seguir citação de Chomsky 2002:

“A faculdade da linguagem tem que interagir com esses sistemas, senão ela não tem finalidade. Então podemos perguntar: ela é bem projetada para a interação com esses sistemas? Assim se obtém um conjunto de condições diferentes. E, de fato, a única condição que emerge claramente é a de que, dado que a linguagem é essencialmente um sistema de informação, a informação que ela armazena precisa estar acessível a esses sistemas, essa é a única condição. Pode-se perguntar, então, se a linguagem foi bem projetada para satisfazer essa condição de acessibilidade pelos sistemas nos quais ela se encaixa.”<sup>7</sup>

(Chomsky 2002, traduzido em Negrão 2004)

A noção de acessibilidade do sistema lingüístico pelos sistemas de desempenho, do ponto de vista da pesquisa em Psicolingüística, instaura a possibilidade de uma retomada de diálogo com a teoria gerativista.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> “The language faculty has to interact with those systems, otherwise it’s not usable at all. So, we may ask: is it well designed for the interaction with those systems? Then you get a different set of conditions. And in fact the only condition that emerges clearly is that, given that the language is essentially an information system, the information it stores must be accessible to those systems, that’s the only condition. We can ask whether language is well designed to meet the condition of accessibility to the systems in which it is embedded.” (Chomsky 2002, p.108)

<sup>8</sup> A história da Psicolingüística é marcada por momentos de aproximação e de distanciamento em relação à Teoria Lingüística Gerativista (cf. Corrêa 2002; 2005a; 2006a). O primeiro momento, de

Na caracterização das operações mentais envolvidas nos processos de produção e compreensão de enunciados, os modelos de processamento lingüístico devem levar em conta as propriedades atribuídas à língua internalizada pelo falante. Daí a necessidade de os trabalhos em Psicolingüística incorporarem uma teoria lingüística que tenha como objetivo prover um modelo formal do conhecimento lingüístico que o falante tem de sua língua (cf. Corrêa, 2002; no prelo a). Nesse sentido, o Programa Minimalista representa um avanço para a aproximação entre as duas áreas, dado que as operações realizadas pelo componente computacional devem sempre resultar em estruturas legíveis pelos sistemas de desempenho. A medida, pois, de avaliação da teoria passa a ser de certo modo externa, no sentido que o sistema computacional deve responder a restrições impostas pelos sistemas de desempenho.

### 3.1

#### **Arquitetura do sistema lingüístico e a derivação sintática da sentença no Minimalismo**

No modelo de língua proposto no Minimalismo, a Faculdade da Linguagem compreende o sistema cognitivo da língua e os demais sistemas cognitivos com os quais este faz interface.<sup>9</sup> O sistema cognitivo da língua envolve um léxico e um sistema computacional, que é o mecanismo responsável pela construção de objetos sintáticos a partir de um arranjo de itens lexicais selecionados do léxico e reunidos em uma Numeração. Na arquitetura proposta,

---

aproximação, ocorreu na década de 60, com a Teoria da Complexidade Derivacional (*Derivational Theory of Complexity* (Miller & McKean, 1964), em que se buscou estabelecer uma correspondência entre demandas de processamento e operações transformacionais necessárias à derivação de uma sentença. Diante da inadequação empírica dessa Teoria, instaurou-se um período de distanciamento. Nesse segundo momento, a Psicolingüística deixou de ser uma área de teste para a Lingüística e se voltou para questões específicas de processamento, como acesso lexical Levelt (1983), procedimentos de *parsing* (Kimball, 1973; Frazier & Fodor, 1978; Wanner & Maratsos, 1978; Marcus, 1980) e decodificação do sinal acústico (Mehler, 1981). A Teoria Gerativa, por seu turno, passou a ocupar-se de questões ligadas à adequação explanatória e o caráter cada vez mais abstrato do modelo passou a dificultar a formalização da relação entre gramática e processador. Um terceiro momento surge na década de 90, com o Programa Minimalista, que passa a considerar, em seu modelo de língua, restrições impostas pelas interfaces da língua com os sistemas de desempenho. Nesse cenário, a discussão acerca da relação processador lingüístico-gramática pode ser retomada e novos direcionamentos de pesquisa podem ser concebidos.

<sup>9</sup>Hauser, Chomsky & Fitch (2002) referem-se ao sistema computacional em si como FLN (*Faculty of Language in the narrow sense*) e ao conjunto deste com os demais sistemas cognitivos como FLB (*Faculty of Language in the broad sense*).

os únicos níveis de representação são aqueles que fazem interface com os demais sistemas cognitivos: a Forma Lógica, que faz interface com o chamado sistema conceptual-intencional, e a Forma Fonética, que faz interface com o chamado sistema perceptual-articulatório.

Um princípio que orienta o funcionamento do sistema computacional é o Princípio da Interpretabilidade Plena (*Full Interpretation*). De acordo com esse princípio, só pode chegar aos níveis de interface informação passível de ser lida pelos sistemas que interagem com a língua nesses níveis; cabe ao sistema computacional da língua, portanto, eliminar informação que não seja interpretável nas interfaces. Cada item lexical é um conjunto de traços semânticos, fonológicos e formais. Traços semânticos seriam interpretáveis na interface semântica e traços fonológicos seriam interpretáveis na interface fonética. Quanto aos traços formais, estes são aqueles relevantes para as operações do sistema computacional (ex.: gênero, número, pessoa, caso, etc) e podem ser interpretáveis ou não em Forma-Lógica. Duas possibilidades de pareamento de traços interpretáveis e não-interpretáveis são consideradas no Programa Minimalista: através de um mecanismo de checagem de traços (Chomsky, 1995) e através de um mecanismo de valoração de traços (Chomsky, 1998, 1999). Na checagem, assume-se que todos os itens entrariam na derivação sintática com o valor de seus traços já especificado e no curso da computação sintática os traços não-interpretáveis seriam pareados aos interpretáveis, seus valores seriam checados e os não-interpretáveis seriam eliminados. Na valoração, os traços não-interpretáveis são valorados no curso da computação sintática, também a partir do pareamento com traços interpretáveis de mesma dimensão. A operação que permite o envio das informações para as interfaces Forma Lógica e Forma Fonética é chamado de *Spell-Out*. A operação que serve para concatenar objetos sintáticos é a operação *Merge*, a qual é implementada sem qualquer custo computacional, e a operação que permite deslocar objetos para posições mais altas na estrutura sintática (ex. interrogativas) é a operação *Move*, esta com custo computacional.

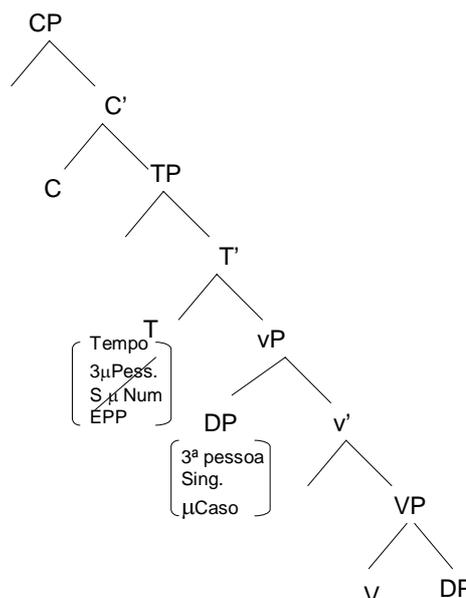
No que tange especificamente à questão da concordância sujeito-verbo, pode-se dizer que uma mudança importante ocorre no Minimalismo: a concordância passa a ser concebida como uma relação entre constituintes sintáticos, numa ruptura à visão assumida desde Pollock (1989), em que a concordância era tratada em termos de uma projeção funcional AGR (*agreement*)

para onde o verbo se movia a fim de receber marcas flexionais<sup>10</sup>. Essa mudança é determinada por restrições de legibilidade, pois a presença de marcas de concordância careceria de correlato semântico nas línguas.

Em Chomsky (1995), a concordância sujeito-verbo é explicada em termos de checagem de traços, numa posição estrutural de especificador-núcleo. O verbo inicialmente se move de sua posição de origem (núcleo de VP) para uma posição mais alta na estrutura, no caso TP, a fim de checar seus traços de tempo. TP, por sua vez, precisa de um elemento de uma dada categoria (com um traço D) em seu especificador, o que deflagra o movimento do sujeito para essa posição. T tem então seu traço D checado e apagado e o sujeito tem seu traço de caso checado por T. É nessa configuração de especificador-núcleo que se dá a checagem dos traços interpretáveis do sujeito com os traços não-interpretáveis do verbo.

Em Chomsky (1999), que assume a idéia de valoração, a concordância entre sujeito-verbo é implementada via uma operação sintática chamada *Agree*, que permite o pareamento de traços de mesma dimensão entre uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*), numa configuração de c-comando. Quando a sonda e o alvo se combinam, os traços  $\phi$  não-interpretáveis da sonda são valorados. O traço de caso do alvo é definido como reflexo dessa operação. No caso da concordância entre sujeito e verbo, o núcleo T da categoria TP é a sonda (*probe*), com traços  $\phi$  não-interpretáveis que precisam ser valorados. Essa sonda procura um alvo (*goal*) e encontra o sujeito com traços  $\phi$  interpretáveis, o que permite que a valoração se efetue: *Agree* valoriza os traços não-interpretáveis de T e o traço de caso do sujeito passa a ser nominativo. Concomitantemente à atuação de *Agree*, ocorre o movimento do sujeito para a posição de especificador de T, em função de um traço EPP (*extended projection principle*). O verbo se move para T e lá recebe informação de tempo e número/pessoa.

<sup>10</sup> Pollock (1989) propõe a cisão da categoria funcional IP (*inflectional phrase*) em duas categorias funcionais: TP (*tense phrase*) e AgrP (*agreement phrase*). Cada uma dessas categorias ocupa uma posição específica na estrutura sintática e há longos debates acerca de qual das categorias dominaria a outra – se TP dominaria AgrP, como propõe Pollock ou se AgrP dominaria TP, como propõe Belletti (1990), para as línguas românicas. A especificação de informação relativa a número/pessoa e tempo do verbo nesse momento da teoria é resultante de um movimento do verbo de sua projeção máxima para os núcleos Agr e T. O sujeito, por sua vez, nasce em uma posição interna ao VP, na posição de especificador, onde recebe papel temático do verbo. O caso do sujeito, no entanto, não pode ser atribuído nessa posição, visto que o verbo só atribui caso a seu complemento. O sujeito então se move para projeções acima de VP a fim de receber caso.



**Fig. 4: Computação da concordância através da operação *Agree*.**

Ponto da derivação em que a sonda T tem seus traço não-interpretáveis de número e pessoa valorados pelos traços interpretáveis de mesma dimensão do alvo, o DP em especificador de vP.

Um aspecto importante em relação à geração de sentenças no Minimalismo é que esta se faz por aplicações sucessivas de operações computacionais que devem exaurir uma numeração. Isto é, assume-se uma abordagem derivacional da geração de sentenças. A derivação estará completa quando todos os itens da numeração forem utilizados. Isso se torna ainda mais dinâmico no modelo de 1999, em que é adotada a noção de fase. A idéia é que a derivação procederia por blocos, definidos por sub-arranjos de itens lexicais disponibilizados na Numeração. Passa-se a assumir que haveria múltiplos *Spell-Outs* durante a derivação sintática, o que permitiria que os níveis de interface fossem alimentados dinamicamente.

Cumpram ainda chamar a atenção para o pressuposto de que a sintaxe opera apenas com traços formais da língua. Traços fonológicos não são levados em conta pelas operações do sistema computacional. Isso é compatível com a idéia de que informação fonológica só seria inserida após a sintaxe.<sup>11</sup> Conforme nota

<sup>11</sup>A noção de inserção tardia de traços fonológicos já aparece indicada em Chomsky (1995, nota 10, p.381): “Indications of syllabic and intonational structure are not contained in lexical items. Nor is a good part of the output phonetic matrix: input and output are commonly quite different. Under the Distributed Morphology theory of Halle and Marantz (1993) and Marantz (1994),

Augusto (no prelo) a idéia de inserção tardia defendida pela Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Harley e Noyer, 1999) aplica-se bem ao modelo de 1999, em que traços não-interpretáveis entram na derivação sem valor definido. A idéia é que informação de natureza fonológica seria inserida após *Spell-Out*, através de Itens de Vocabulário, que seriam o conjunto de sinais fonológicos disponíveis em uma dada língua para a expressão de morfemas abstratos. A sintaxe estabelecerá uma relação entre o fragmento fonológico e uma posição sintática determinada. Assim, segundo Augusto, pode-se incorporar ao modelo de 1999 um componente morfológico flexional situado entre *Spell-Out* e PF.

### 3.2

#### Formulação sintática e derivação sintática

Vimos na seção anterior que o sistema computacional das línguas humanas, embora faça interface com o sistema conceptual-intencional e com o sistema fonético-articulatório, não sofre interferência de informação proveniente desses sistemas cognitivos no curso da derivação de uma sentença; logo, um tratamento da concordância que busque integrar teoria lingüística e processamento deve assumir uma perspectiva modular do processo de produção de sentenças, com um formulador sintático que atue de forma autônoma. Os modelos de produção não-iterativos parecem ser, em princípio, compatíveis com o modelo de língua assumido no Minimalismo. A seguir, considera-se essa possibilidade de compatibilização no que diz respeito ao processo de formulação de sentenças e, em particular, ao processamento da concordância.

De acordo com modelos não-iterativos que assumem uma arquitetura semelhante à de Levelt (1989), o processo de formulação sintática de um enunciado, em um modelo de produção, tem início com a concepção da mensagem, a que se segue a busca de representações lexicais com propriedades semânticas que possam servir para expressar as idéias pretendidas. No Minimalismo, a derivação sintática de uma sentença tem como ponto de partida

---

phonological features do not appear at all in the  $N \rightarrow \lambda$  computation, words being distinguished (say, *dog* vs. *cat*) only within the phonological computation”.

uma dada Numeração (ou sub-arranjos de uma Numeração), a qual reúne os itens lexicais selecionados do Léxico.

A concepção de item lexical como um conjunto de traços semânticos, formais e fonológicos é compatível com o tratamento dado aos itens lexicais em teorias de acesso lexical, que consideram a existência de três estratos lexicais: um estrato conceitual, que reuniria conceitos lexicais associados a uma dada palavra; um estrato dos lemas, em que estaria representada informação acerca de propriedades gramaticais dos itens lexicais, e um estrato da forma, que teria informação relativa a morfemas e segmentos fonêmicos, os quais constituem o lexema de um item lexical (cf. Levelt et al., 1989).

Outro ponto de compatibilidade é a idéia de que existem dois tipos de traços formais (interpretáveis e não-interpretáveis) e que um deles só tem seu valor definido a partir de operações que ocorrem em um componente sintático. Conforme visto na seção 2, em Chomsky (1999) considera-se que os traços não-interpretáveis, isto é, aqueles que apresentam uma função sintática pura, são valorados no curso da derivação sintática e eliminados antes de chegarem à Forma Lógica. Na proposta de Levelt et al. (1999), os lemas apresentam parâmetros diacríticos que precisam ser definidos. Alguns desses diacríticos têm seu valor estabelecido com base em informação proveniente de uma representação conceitual, como é o caso do traço de tempo expresso no verbo. Outros, por sua vez, são valorados durante a etapa de codificação gramatical, como o traço de número do verbo, o qual assume o mesmo valor do traço de número do sujeito.

Em relação às etapas envolvidas no processo de codificação gramatical, é possível tentar caracterizá-las em termos das operações implementadas pelo sistema computacional da língua, que busca construir objetos sintáticos a partir de itens selecionados do léxico. A definição de *Spell-Out* como operação que permite o envio de informação para os níveis de interface também parece ser compatível com a idéia de que, na produção de sentenças, o resultado da codificação gramatical é encaminhado para a codificação morfofonológica a fim de poder ser posteriormente articulado. Esse nível da codificação morfofonológica nos modelos de produção encontra um paralelo em um componente morfológico (ou morfofonológico), que estaria situado entre *Spell-Out* e PF no modelo de valoração de Chomsky (1999), o qual, conforme visto, é compatível com a idéia de inserção tardia de Itens de Vocabulário, nos moldes propostos pela Morfologia

Distribuída. Esse componente morfológico lidaria com morfemas abstratos, resultantes de operações do sistema computacional, aos quais se associaria conteúdo fonológico. Os Itens de Vocabulário seriam o conjunto de sinais fonológicos disponíveis em uma dada língua para a expressão desses morfemas abstratos. Nos modelos de produção, os chamados lexemas, recuperados do léxico no momento da codificação morfofonológica, podem ser tomados como elementos equivalentes aos Itens de Vocabulário. O quadro a seguir, reproduzido de Corrêa (2006b), permite visualizar as correspondências entre etapas envolvidas na produção e na derivação de sentenças:

Produção		Derivação
1	Intenção de fala / conceptualização de uma mensagem	
2	Acesso a elementos de categorias funcionais e a elementos de categorias lexicais no Léxico Mental correspondentes a uma unidade de processamento	Constituição da Numeração a partir de elementos recuperados do léxico (matrizes constituídas por traços semânticos, fonológicos e formais)
3	Manutenção de representações correspondentes ao <i>lema</i> dos elementos recuperados do léxico	Numeração constituída – apenas os traços formais são relevantes para a derivação
4	Formulação sintática incremental (montagem de uma estrutura hierárquica)	Computação sintática (em fases)
5	Linearização (posicionamento dos constituintes hierarquicamente relacionados)	Computação com operação de movimento <i>Spell out</i> (via sintática da bifurcação)
6	Recuperação de <i>lexemas</i> e codificação morfofonológica	Derivação que resulta em PF (via componente fonológico, os traços fonológicos passam a ser relevantes)
7	Planejamento articulatório	Interface FP (com correspondente LF)
8	Realização da fala	

Outro aspecto que aproxima o modelo de língua dos modelos de produção é a abordagem derivacional e a idéia de fases. Na maior parte dos trabalhos produzidos dentro do quadro teórico do Minimalismo, adota-se uma abordagem derivacional de geração de frases, de acordo com a qual a sentença é o resultado de aplicações sucessivas de operações computacionais.<sup>12</sup> No modelo de valoração, considera-se também que existem pontos de envio de informação para a Forma Fonética e que o material enviado corresponde ao que integraria uma dada fase computacional. Esse funcionamento do sistema computacional é compatível com a idéia de que a estrutura sintática da sentença vai sendo construída de modo incremental (ou moderadamente incremental) e com idéia de que haveria unidades

<sup>12</sup> Ver Brody (1995) para uma abordagem representacional no Minimalismo.

de processamento mantidas em uma memória de trabalho. Uma fase equivale no modelo de língua a um domínio estrutural, em que relações temáticas seriam estabelecidas – o vP, ou a um domínio estrutural em que relações proposicionais são consideradas – o CP. Em que medida cada um desses blocos corresponde a uma unidade de processamento é um ponto de investigação que vem sendo considerado tanto no desenvolvimento de alguns modelos psicolinguísticos que tratam de forma integrada a produção e a compreensão de sentenças (cf. Corrêa & Augusto, 2005) como também em modelos computacionais de *parsing*, que assumem uma computação sintática com sondas (*probes*) e alvos (*goals*), como no modelo de valoração de traços do Minimalismo (cf. Fong, 2004).

Ainda quanto ao modo como transcorre uma dada derivação sintática, um aspecto a ser considerado é a direção em que se dá a montagem da estrutura sintática. No modelo proposto em Chomsky (95, 98, 99), a derivação sintática é *bottom-up* e a adição de novo material é feita no topo da árvore sintática. Assim, numa frase como *Paulo comeu o bolo*, primeiro há a formação do DP *o bolo*, que é concatenado ao verbo *comer* na posição de argumento interno desse verbo; depois disso, *Paulo* é concatenado ao conjunto *comeu o bolo*, na posição de especificador do sintagma.<sup>13</sup> No entanto, quando se considera o processo tanto de produção quanto de compreensão de sentenças, verifica-se um outro direcionamento: as sentenças são formuladas e compreendidas da esquerda para a direita, de modo incremental.

Phillips (1996) apresenta uma possível solução para esse ponto. Inserido em uma perspectiva gerativista de análise linguística, Phillips busca especificar um sistema unificado para gramática e processamento e propõe que a gramática é um sistema de construção de estrutura que opera de modo incremental, da esquerda para a direita. Apresenta como evidências para sua proposta o exame de testes de constituência em inglês, incluindo movimento, elipse, coordenação, escopo e ligação. O autor parte da constatação de que os resultados de testes de constituência são muitas vezes conflitantes e mostra que a solução para o problema de constituência está em propriedades de construção de estrutura de modo incremental. Com a idéia de derivação da esquerda para a direita, Phillips aproxima o modo de funcionamento da gramática do processador, unificando-os

<sup>13</sup>Note-se que apresentamos uma versão simplificada da composição da sentença *Paulo comeu o bolo*. Numa análise detalhada, seria necessário considerar projeções funcionais como TP e vP.

em um único sistema. O problema dessa abordagem é que, ao se assumir uma integração gramática/processador, erros de concordância precisam ser relacionados a falhas no componente sintático da língua, e torna-se difícil explicar, mantendo-se a idéia de sintaxe autônoma, a interferência de fatores semânticos e morfofonológicos.

Um caminho alternativo para se discutir a relação gramática/processador é apontado por Corrêa (2005a; 2006a). A autora considera que nem todas as operações de movimento envolvidas na derivação de expressões linguísticas encontrariam correspondentes em tempo real. Na visão de Corrêa, alguns tipos de movimento seriam indicativos de processos bem iniciais da aquisição da linguagem, quando parâmetros de ordem são fixados, e não apresentariam custo para o processamento. Nesse sentido, não se poderia afirmar que gramática e processador seriam um sistema único. Para a autora, a gramática seria uma entidade virtual, correspondente à capacidade computacional da língua, que teria como operação básica a concordância. De acordo com Corrêa (2005b, assumindo Adger, 2003), concordância seria a operação que permitiria o pareamento de traços formais interpretáveis com seus homólogos não interpretáveis, de modo a atender o Princípio da Interpretabilidade Plena (*Full Interpretation*), o qual garante que expressões linguísticas possam ser faladas e analisadas<sup>14</sup>. Quanto aos erros de concordância, estes não ocorreriam durante a codificação gramatical, isto é, quando se dá propriamente a computação da concordância, mas sim seriam pré ou pós-sintáticos, mantendo-se, dessa forma, a autonomia do formulador sintático na produção de sentenças.

Fong (2004) implementa computacionalmente um modelo de *parsing* que estaria dentro do “espírito” de Corrêa (2005a; 2006a) no que tange à relação entre gramática e processador. O autor assume uma perspectiva de *parsing* incremental, da esquerda para a direita, o que é compatível com o modo como as sentenças vão sendo percebidas, e assume que o *parser*, no processo de análise da estrutura sintática, valoraria traços formais dos itens lexicais a partir da operação *Agree*, que atuaria entre uma sonda e um alvo em uma dada configuração estrutural. A gramática não é o *parser*, visto que este possui um modo de funcionamento próprio, com mecanismos de armazenamento e recuperação de informação

---

<sup>14</sup>Para uma visão detalhada da proposta de Corrêa, ver também Corrêa & Augusto (2005) e Corrêa (2005a; 2006a).

necessária à computação sintática da sentença. Além disso, diferentemente do que se assume para uma derivação sintática no Minimalismo, Fong propõe que a derivação é *top-down*, lançando mão para isso de representações de estruturas sintáticas elementares (conforme proposto no contexto das *Tree Adjoining Grammars*<sup>15</sup>), que seriam ativadas no *parsing*. Logo, embora operações gramaticais implementadas pelo *parser* possam ser caracterizadas conforme vem sendo proposto no modelo de Chomsky (1999), não há uma identidade entre gramática e processador.

No modelo de produção que será apresentado no capítulo 7 essa separação entre gramática e processador é assumida. Será visto como a computação sintática da concordância, passível de ser caracterizada em termos de valoração de traços formais, é implementada em um modelo de produção que incorpora um *parser-monitorador*.

---

<sup>15</sup>*Tree Adjoining Grammar* (TAG) é uma meta-linguagem formal que permite expressar generalizações sintáticas. Definida por Joshi e colegas (1975; 1985), é frequentemente utilizada em Linguística Computacional. A unidade sintática primitiva das TAGs são árvores elementares que consistem de um núcleo lexical e do(s) argumento(s) que o núcleo licencia. Estas árvores podem se combinar a outras por meio de operações específicas (chamadas substituição e adjunção), o que permite representar a estrutura das sentenças. Segundo Ferreira (1999), as TAGs instanciam análises sintáticas em uma dada notação formal, sendo, pois, possível empregar esse formalismo para diferentes abordagens teóricas – Minimalismo (Chomsky, 1995); Gramática Léxico-Funcional (Bresnan, 1982), etc.